

Advoguei na última palestra um tipo de projeto contra a nossa circunstância que chamei de "poético", e disse que aberturas para esse projeto podem ser forçadas na nossa situação atual principalmente naquela região das atividades geralmente chamada de "artes". O propósito da presente aula e de algumas subsequentes será o de lançar um olhar sobre a cena que essa região nos oferece. Obviamente não é o meu propósito a tentativa desesperada de analisar os fenômenos artísticos que nos cercam. Falta-me para tanto não somente a competência e o tempo, mas ainda a distância teórica e professoral que uma tal tarefa exige. O que pretendo é outra coisa. Procurarei articular com os senhores o impacto existencial que aquilo que chamamos de "arte" exerce sobre nós todos os dias, e também em horas festivas ou de desespero. Para dar um clima a essa nossa tentativa, começarei por citar um verso: "Hast mich in eine bessere Welt entrueckt. Du holde Kunst, ich danke dir da fuer" (me tens transferido em mundo melhor. Gentil arte, estou lhe grato por isto).

Disse na aula precedente que o conceito "arte" é um conceito moderno, e que surgiu em consequência da bifurcação renascentista das atividades humanas em tecnologia e arte. Disse ainda que esta bifurcação tende a ser superada na cena da atualidade. Com efeito, e sem nos darmos conta desse fenômeno, estamos sendo expostos atualmente a duas influências inteiramente diferentes que chamamos, a ambas, de "arte". Em discussão recente que tive com o prof. Milton Vargas, ele formulou de maneira penetrante essa duplicidade de significado que adere ao termo "arte". Procurarei traduzir o melhor que posso o que ele afirmava. Temos, de um lado, ainda "arte" no significado moderno do termo. Trata-se de uma atividade consciente de si mesma, que se desenvolve em círculos mais ou menos herméticamente fechados e dos quais participam os artistas e seus amigos. Nesses círculos os artistas expõem e exibem as suas obras, para discutilas em linguagem hermética com outros artistas e seus amigos. É um clima rarefeito dos cumes de erudição inalcançáveis ao vulgo. Os iniciados e entendidos que participam desse tipo de arte são os "happy few" empenhados em ritual exclusivista. De vez em quando os portões desses mistérios se entre-abrem fugazmente em forma de bienais, ou concertos de música eletrônica, ou conferências de poetas concretos, e alguns leigos penetram furtivamente o santuário da arte. Ficam, é óbvio, aturdidos, já que nada entendem. Não podem compreender, já que não apreenderam a linguagem secreta que aqui reina. Reagem portanto de duas maneiras: revoltando-se ou rindo. Ambas essas reações são de defesa. A revolta, que diz aproximadamente: "tudo isto é besteira, e uma ofensa a minha inteligência e ao meu gosto" é a tentativa de negar a autenticidade dessa atividade. Diz, com efeito, que tudo isto é pose que procura aproveitar-se da ignorância do público para ganhar dinheiro com facilidade. O riso é uma abreação que procura minimizar essa atividade. Diz com efeito: tudo isto é fácil, eu também poderia pintar, ou esculpir, ou compor coisas assim, mas felizmente tenho coisa melhor a preocupar-me. Em seguida, os leigos voltam para casa, para serem expostos a arte no segundo significado do termo, do qual falarei dentro em pouco. Os artistas e seus amigos, no entanto, que ficam nas galerias e nas salas de concerto, acompanham o exodo do público com um ar de superioridade e de desprezo. É a atitude da vanguarda diante do rebanho. Mas é uma vanguarda curiosa, já que o rebanho foge, revoltado e com riso, ao emvez de segui-la. A vanguarda se consola. Ela é tão avançada com relação ao rebanho, que a comunicação é um tanto difícil. Mas, diz a vanguarda com ar benignamente pedagógico, o rebanho, (ou, preferível

mente "as massas"), será educado. Pouco a pouco apreenderá brincando a língua,

**COPIA.** A arte hermética da arte e será iniciada nos mistérios e ritos. A esta tarefa nobre e educadora está dedicado todo um exército de críticos, de revistas de arte e cultura, de suplementos e de divulgações ricamente ilustradas que inundam o mercado. Trata-se, nessas vulgarizações da arte hermética, de um fenômeno semelhante à ciência vulgar da qual falamos em aulas precedentes. Nos Estados Unidos este esforço pedagógico assume atualmente as dimensões de um dilúvio, e tem talvez consequência semelhante ao dilúvio do qual a Bíblia fala. Toda matrona aposentada que se preze, toda colegial que almeja um máximo de "dates", transforma-se mágicamente em iniciada de arte. Nesse tipo de onda a massa educada soterra qual avalanche a vanguarda já agora aterrorizada, porque para essa massa voraz e faminta de sensações nada é suficiente vanguardista, e nada é vanguardista por tempo superior a algumas semanas. O consumo de obras de arte e de artistas assume, nessa onda, proporções gigantescas. Em sucessão hética e histérica sucedem-se exposições e concertos, e estilos de arte como abstrato, concreto, pop-art, popcrete e outros excretos e excrementos são levados de roldão pela nova barbárie devoradora de obras de arte. Os artistas, feiticeiros vencidos pelo seu feitiço, são derrubados e destronados pelos seus aprendizes. Não pode haver produtividade artística suficientemente poderosa e criadora para satisfazer continuamente as necessidades artísticas de um mercado educado devorador como por exemplo o é Indianapolis, Indiana. Nos milhares de colégios para meninas que cobrem qual sarampo a face dos Estados Unidos treinam um exército de gafanhotos "majorados" em arte o qual, quando solto, transformará a paisagem artística em deserto. Este é o primeiro significado atual do termo "arte".

O segundo significado do termo "arte" passa despercebido. Tão despercebido, com efeito, como passava despercebido aquilo que nós chamamos "arte" no gótico, por exemplo. É aquilo que chamei, na última quinta-feira, de "estilo de vida". São as linhas características das entradas nas fábricas, são a música "piped in" que acompanha as linhas de montagem, (um fenômeno muito semelhante aos cantos dos remadores africanos), são os quadros gigantescos que ornamentam as paredes dos escritórios de gerentes de companhias de seguro, são os murais nos bancos, são os vitrais das estações de estradas de ferro. São ainda as revistas ilustradas, as propagandas comerciais e políticas, as radionovelas, nos países desenvolvidos os programas de televisão, e nos países subdesenvolvidos os filmes comercializados. Os exemplos podem ser multiplicados ad nauseam, uma expressão feliz no presente contexto. O fenômeno que estou descrevendo é post-moderno. Nada havia de semelhante no Ocidente desde o Renascimento. Um exército poderoso de arquitetos, paisagistas, propagandistas, lay-out-men, copy-writers, compositores de músicas de fundo, desenhistas de automóveis e de tubos de dentifícios, escritores de argumentos de filmes, atores de dramas de televisão, enfim de artistas no segundo significado do termo, espera ansiosamente a ser substituído por computadores, para poder aposentar-se. É a massa inerte da humanidade flui por entre essas obras de arte sem se dar conta da sua existência, mas profundamente influenciada e condicionada por elas. Mas essas obras de arte passaram a serem vivenciadas como indispensáveis. É totalmente inimaginável a supressão do cinema, por exemplo. Resultaria provavelmente em revolução sangrenta. A arte neste segundo significado do termo voltou a ser uma condição da existência humana.

As duas artes, a hermética e a demótica, estão, no entanto, atualmente abertas uma

para a outra e tendem a fundir-se num ato sexual de mútua fertilização que me parece ser de uma impudência e semvergonhice. Essa tendência para a fusão vem dos dois lados. Consideremos essa tendência em seu esboço. A avalanche de erudição artística da qual falei materializa-se por exemplo em discos e fitas sonoras e seus aparelhos correspondentes, chamados irónicamente de alta fidelidade. A consequência natural disto é que a abertura de Don Giovanni é transformada mágicamente em música de fundo. Comemos as nossas feijoadas ao acompanhamento de Bach, e, se somos muito cultos, tomamos os nossos aperitivos ao som de Monteverdi. As difusões de televisão, muito apropriadamente chamadas "canais", despejam nas nossas salas leituras e comentários de Hamlet e Proust, de modo que podemos assistir por exemplo a leitura do segundo canto do Purgatório enquanto jogamos pif-paf e as crianças esconde-esconde. Podemos recortar de calendários reproduções de alta fidelidade dos mosaicos de Ravenna ou dos templos de Kyoto e piduralas no terraço. De outro lado procuram os artistas herméticos contacto com aquilo que chamam de "realidade" e o termo "popart" ilustra o que tenho em mente. Condescendem esses artistas digamos empenhados. Nas obras que resultam dessa descida do Olimpo, nessas radionovelas feitas por Frisch e Eliot, nessa música de filmes feita por Honegger e Manotti, nessas músicas e poesias de Vinícius de Moraes nas buates, nesses cinzeiros feitos por Picasso, sentimos, incomodados, um não sei que de inapropriado. Algo está errado, ("da stimmt etwas nicht"), quando ouço Beethoven durante o almoço, ou quando descanço o cachimbo num cinzeiro de Picasso. A essa sensação de impropriedade, de semvergonhice, ou, porque não diga-lo, de dessacralização, dediquei o resto desta palestra.

Voltemos, por um instante, para o gótico, no qual, conforme disse, a arte passava despercebida porque era o próprio estilo de vida. Tratava-se de uma época na qual toda atividade era dirigida para uma meta determinada, que podemos chamar por exemplo de "salvação da alma". Em outras palavras: toda atividade era significativa. A atividade artística, mesmo quando aparentemente puramente lúdica, esteve empenhada automaticamente nesse significado. Menciono, neste contexto, a história do jogo de cartas diante de uma imagem de Nossa Senhora, para ganhar o céu. As catedrais e as trovas, as espadas cizeladas e os livros de horas, os tecidos bordados e os sapatos de bico são estes atos de malabarismo. São significativas essas obras, porque tendem para o significado transcendente. E são belas essas obras, porque essa tendência para o significado, que é a tendência para a perfeição, transparece nelas. Essa transparência faz com que nós, os modernos, vivenciemos essas obras como obras de arte. Para os medievais passava despercebida essa qualidade de suas obras, porque tudo apontava esse significado transcendente. Tudo esteve englobado no espaço sacral, tudo esteve impregnado pelo ar da sacralidade. A arte se desenvolvia, como tudo, no espaço sacral, e é por isto que nada era vivenciado como arte, já que tudo era arte. A bifurcação da atividade na Idade moderna quebrou esse espaço abarcador da sacralidade. A atividade tecnológica desenvolvia-se num espaço profano. A vivência da sacralidade refugiava-se para a atividade artística no significado moderno do termo. Cansados e desiludidos pelo profano e corriqueiro, portanto pelo feio, refugiavam-se os homens modernos para os teatros, as salas de concerto, as galerias de pinturas, para vivenciar o ar solene e festivo que proporciona a beleza. A arte no significado moderno elevava as mentes da planície profana e profana. Ir ao teatro, ir ao concerto, era aventura. Vestiam-se trajés

trajes festivos, limpava-se a mente das preocupações cotidianas, preparavam-se os homens para uma catarsis pela arte, que devia substituir a catarsis religiosa perdida. É claro que a arte neste sentido não conseguia substituir a religiosidade. Não englobava a existência, era como que uma religiosidade de domínio. Essa qualidade domingueira da arte que tinha eu em mente, ao falar de um ser museal que rodeia a arte moderna. Mas pelo menos abria uma janela na profundidade semanal do mundo moderno. Há um ar de abertura, de solenidade e festividade em redor de nomes como El Greco, Bach, Schiller e Wagner, para mencionar a penas alguns gigantes. Ainda nos lembramos vagamente desse ar quase sacral que cercava a arte. Ainda sentimos um pouco esse tremor do sacro que as suas obras inspiravam. As reproduções altamente fiéis das obras do Greco, e os concertos brandenbúrgueses berabados pelos altofalantes ainda não conseguiram, de tudo, profanar essas aberturas para o inefável. Mas tudo isto já tem um aspecto levemente arcaico e subdesenvolvido. Estamos em pé de familiaridade com essas obras, fazem parte da casa da sogra. Como sentir ainda o grito desesperado de busca de salvação que transparece na Missa de Mozart, se assistimos a ela de chinelos? É a isto que chamei de semvergonhice.

Pois voltemos agora para a consideração da arte da atualidade. Aquela arte que chamei de hermética, e que é o último vestígio da arte em seu significado moderno, está se tornando sempre mais desinteressante existencialmente. Longe de ser vanguarda de um processo evolutivo, representa ela um estágio superado desse desenvolvimento. Ela, que deveria ser a guardiã do sacro, está se tecnizando subrepticiamente. Testemunhem, para comprovar o que digo, a grossa capa de teorias que envolve o seu corpo magro de praxis. É aquela arte que chamei de demótica e que passa despercebida está empenhada naquela massa de atividades que se desenvolvem sempre mais como sendo insignificativas. Estão, com efeito, essas artes empenhadas naquele significado que chamei "humanidade" e cuja superação discutimos em suas precedentes. Não portanto altamente prosaicas essas artes. Não elevam a mente para o significado, já que este não existe. Apenas divertem. Apenas procuram tornar um pouco mais suportável a feiura nojenta daquilo que nós cerca. Servem a penas como máscaras dos instrumentos. A lata de sardinha funcional, e as cores sedutores dos anúncios de Coca-Cola servem apenas de esconder a fundamental falta de significado daquilo que anunciam. Conseguem apenas atordoar a nossa sensação de frustração, ao transformar sardinhas e refrigerantes em pseudo-metas da vida. Em outras palavras: a arte hermética atual é um exercício ginástico de certas elites, e a arte demótica atual é maquiagem.

No entanto, estarão lembrados os senhores que disse no início desta palestra que o terreno que acabo de descrever tão pessimisticamente oferece, na minha opinião, aberturas para projetos de vida. É que por baixo da cena que lhes acabo de apresentar, processam-se atualmente buscas de significado. É o empolgante desse acontecimento do qual falarei em seguida é que essas buscas se processam, em parte, aqui mesmo em São Paulo. Antes de discutir essas tendências, permitam que lhes lembre como procurei, na última quinta-feira, caracterizar o termo "poesia". A saber como a decisão para uma aposta que arrisca tudo em procura de um significado a ser posto para cá e assim realizado. Não se trata portanto atualmente, se tenho alguma razão com minha análise, de um empenho do artista em prol de um significado, mas em prol de uma busca de significado. O artista como existência decidida não é, como o era na idade média, uma existência empenhada, mas uma existência em procura de empenho. É por isto que o termo "arte" adquire agora novo sig-

COPIA

as obras de arte que tenho em mente, e direi que para distingui-las das demais devemos talvez apelar para uma capacidade nossa que ainda se recusa a ser articulada. É justamente a articulação dessa capacidade que esses poetas estão dedicados. Mas direi isto: sem dúvida colocam-se para mim no rol dessas obras os últimos poemas de Rilke, algumas pinturas de Bacon, e o teatro de Becket. E, para mencionar um exemplo mais próximo, algumas estórias de Guimarães Rosa. Se os senhores me provocarem a dar o meu critério para a escolha dessas obras, direi apenas que elas fazem transparecer, pelo menos para mim, um novo senso de realidade e um novo senso de valores, portanto uma nova religiosidade.

É trágico que a avalanche de obras de arte provocada pela fome sensacionalista da massa recentemente educada para esse tipo de bens de consumo torna tão difícil a descoberta dessa arte verdadeira. Estão estas obras como que encrustadas na formação geológica massiça que representa atualmente aquilo que chamamos arte. Mas ainda dispomos de uma capacidade que nos liga como que um cordão umbilical com o que chamei o reino do diferente. Dou um exemplo. Passei outro dia por acaso numa das muitas galerias de quadros que pululam pela cidade. De repente parei diante de um quadro. Sentia que nessa pequena tela alguma coisa tinha sido apanhada, arrancada ao nada e posta para cá para testemunhar algo até agora não articulado.

Havia algo a um tempo misterioso e lúcido em redor dessa tela, e que essa tela era como que uma janela que abria uma visão que me dizia respeito imediatamente. Perguntei: era de Kandinski. Mas não importa o nome. O que importa é o fato de sentirmos em nosso redor, e talvez no nosso íntimo, surgir uma nova linguagem, em meio de tanta conversa fiada e de tanta gritaria, a articular, de voz baixa por enquanto, algo que ainda é indizível discursivamente.

Para meu propósito, nesta palestra, entrar um pouco mais detalhadamente na consideração daquilo na nossa circunstância chamado "arte". Infelizmente, perdi-me em generalidades. Peço portanto que os senhores considerem essa palestra como mais uma exposição introdutória ao tema. O que pretendi elaborar hoje era o seguinte: a grande massa da uílo que passa por arte neste momento é ou um exercício hermético de certas elites instigadas por uma massa de nouveaux riches da cultura, ou a tentativa de mascarar e tornar mais tragável a nossa circunstância profana. Mas

há, no meio de tudo isto, o primeiro despertar de uma nova religiosidade que se articula em arte. Para mim, pelo menos, e creio que para muitos atualmente, esta é a única maneira de vivenciar um pouco aquilo que antigamente era chamado de "realidade". A única, a não ser a especulação filosófica propriamente dita. Mas este é um outro tema. Peço que a discussão se concentre sobre este aspecto da minha exposição, embora saiba que uma limitação assim é difícil a ser seguida.